

VISÃO DO CORREIO

Saúde mental importa

Um dia depois de se consagrar a melhor atleta da ginástica olímpica de Paris-2024, a norte-americana Simone Biles foi às redes sociais para postar uma foto em que aparece meditando justamente durante a competição que lhe rendeu a medalha de ouro. Na legenda, reforçou um tema que também marca a sua história no esporte mundial: “Saúde mental importa”, escreveu, no perfil do Instagram, a jovem que há três anos desistiu de disputar as finais das Olimpíadas de Tóquio porque, quando pisava no tablado, era ela e a sua cabeça “lidando com os demônios”.

Biles não está sozinha. Os dados mais recentes do Estudo sobre a Carga Global de Doenças, referentes a 2019, revelam que, no mundo, em cada grupo com 10 pessoas com 5 a 24 anos, uma tem pelo menos um transtorno mental diagnosticável. Entre as crianças, o mais comum é a ansiedade. No caso dos adolescentes, a depressão. Levantamento com dados do Sistema Único de Saúde (SUS) mostra que, em 2022, pela primeira vez na história, os registros de ansiedade em crianças e jovens brasileiros ultrapassaram os de adultos.

Os autores do estudo global sobre a saúde mental de jovens ponderam que os impactos da pandemia da covid-19 não fizeram parte da pesquisa e que a expectativa é de que a próxima versão retrate “um aumento considerável” dos dois distúrbios mais prevalentes. Sedentarismo, uso excessivo de dispositivos eletrônicos, violência urbana, racismo e as desigualdades socioeconômicas também estão entre os fatores associados, assim como uma predisposição maior a problemas de saúde mental nessa etapa da vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), metade de todas as condições de saúde mental começa aos 14 anos de idade, sendo

que a maioria dos casos não é detectada nem tratada. Falta, portanto, um sistema de assistência capaz de responder com eficácia a esse problema de saúde pública. A agência das Nações Unidas recomenda que os governos ofereçam uma abordagem multinível — englobando plataformas variadas, como mídias digitais, hospitais, órgãos de assistência social e escolas — e evitem a institucionalização e a medicalização excessiva.

A situação brasileira parece desafiante. Dados do Censo Escolar mostram que, em 2023, havia psicólogo em apenas 12% das escolas brasileiras, por exemplo. Levantamento do Instituto República.org indica que, em 2021, 90% das cidades do país tinham menos de um psicólogo e psicanalista no SUS para cada grupo de mil habitantes. Uma das consequências desse suporte tão restrito é que os profissionais de saúde mental precisam limitar os atendimentos aos casos de urgência — geralmente, quando a pessoa está em um quadro mais agravado de adoecimento psíquico. Perde-se, dessa forma, a oportunidade de ofertar intervenções que tendem a ser mais eficazes e, principalmente, de permitir que os jovens tenham acesso a abordagens preventivas.

A meditação a que recorre Biles é uma das estratégias que resultam em benefícios à saúde mental com benefícios cientificamente comprovados. A prática regular de atividades físicas — incluindo esportes profissionais e amadores — e a psicoterapia, também. O leque é diversificado, mas precisa sair das teorias e chegar à juventude e ao resto da população. Ao anunciar, em 2021, que precisava dar “um passo atrás” para proteger sua mente e seu corpo, a jovem ginasta deu sua contribuição. Reconheceu suas fragilidades, mas também acelerou um movimento urgente de quebra de tabus e paradigmas.



Cartas

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Olimpíadas

O balé da respiração. Do sorriso. Da euforia da vitória. Da comemoração da superação. Do choro da derrota. Ingredientes das Olimpíadas de Paris batem forte nos corações. A energia do mundo alimenta o vigor dos atletas, vencedores e derrotados unidos no abraço e no choro da alegria. Medalhas alegram a alma. Fortalecem os vínculos com a pátria. Atleta machucado dói em todas as torcidas. Nos cenários das competições, com múltiplas raças, a disputa e a emoção vestem-se de arco e flecha, quimonos, espadas, raquetes, bolas, redes, pranchas, skates, piscinas, remos, varas.

» Vicente Limongi Netto

Lago Norte

Armamentos

Armas para quem e para que? Li no **Correio Braziliense** que haverá imposto seletivo para compra de armas. Mas, antes de verificar qual a soma de imposto que incide sobre metralhadoras, bazucas, revólveres e outras armas, deve-se perguntar quem tem autorização legal para comprar armas, qual o calibre e a quantidade de munição para elas e, sobretudo, para que servirá o armamento comprado. Usa-se disparar armas, por vezes em público, podendo a bala ser chamada de “bala perdida”. A bala perdida pode ter achado a cabeça ou o corpo de homem, mulher ouvir criança que brincava no pátio de casa ou que jogava bola com amigos no campinho existente no bairro. Então, questionam-se os usuários de armas para que tenham prática de tiro sejam ajuizados e sensatos para não praticar tiro ao alvo no fundo do seu quintal. De modo, podem aparecer vítimas em outro terreno ou até dentro de casa. Há enorme risco para essa prática.

» Aldo Paviani

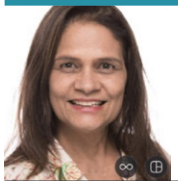
Lago Sul

Venezuela

Têm razão os que desafiam a rejeição sem provas do trabalho do Conselho Eleitoral da Venezuela. No direito público liberal, os atos das instituições estatais sempre gozaram da presunção de legitimidade e legalidade, cabendo aos objetores as provas em contrário. É uma das ficções constitutivas do direito na modernidade iluminista, fruto do processo de racionalização que Max Weber chamou de ‘desencantamento do mundo’, no caso com o propósito de estabilização dos atos do poder público, blindando-os (relativamente) de pressões contínuas disruptiva por forças ideológicas, partidárias., passionais e religiosas. A “verdade ficta” é uma modalidade de “normatividade pragmática”, não essencialista, voltada a prover segurança jurídica nas relações sociais como desiderato da convivência pacífica como um todo. Na época de “pós-verdade” em que vivemos, de imersão numa uma espécie de “guerra de todos contra todos”, essa fórmula civilizatória está sempre em risco de rejeições particularistas...

» Ayer Campos

Brasília



ANA DUBEUX

anadubeux.df@dabr.com.br

Acorda, Brasil! É o esporte contra o preconceito

Escrevo ainda sem saber todos os resultados de mais um sábado olímpico. Mas posso dizer que já vi o suficiente, hoje e ao longo dos dias dos jogos de Paris, para saber o que o esporte é capaz de fazer por pessoas periféricas e pobres e o que essas pessoas são capazes de fazer pelo Brasil — não apenas em jogos olímpicos, mas em outros campeonatos mundiais, demais competições e na “vida real”.

Falar de superação pessoal é cair num discurso gasto, embora real, pois cada um dos nossos atletas medalhistas têm sua história, de muita luta e sacrifícios familiares. Superação, para eles, é quase uma obrigação — e não deveria ser assim. Nossos atletas cavaram suas oportunidades. Já imaginou se não precisassem de tanto sacrifício, tanta renúncia, tanto esforço de suas famílias?

Com apoio real do país desde a infância, teríamos muito mais pódios, mais medalhas e menos sacrifícios pessoais de nossos meninos e meninas. As oportunidades não precisariam ser arrancadas a fórceps; deveriam ser generosamente entregues a todos.

Hoje, vi Rebeca Andrade, uma estrela, maior medalhista olímpica brasileira ganhar mais uma prata: criada por uma mãe solteira, faxineira, com mais sete irmãos. Vi Rafaela Silva, da Cidade de Deus, garantir o bronze na última luta pela disputa por equipe mista de judô. Nossa Ketleyn Quadros, de Ceilândia, primeira mulher a conquistar o ouro em uma prova individual, em 2008, também estava lá na equipe de bronze.

E o que dizer de Bia Souza, que garantiu o ouro em sua primeira olimpíada?! Um corpo que convive com todo tipo de discriminação agora ostenta uma medalha de ouro histórica. Todas essas mulheres são negras, de origem pobre, que vencem não apenas por medalhas. Vencem preconceitos — e como isso é revolucionário

nas olimpíadas! A gente se emociona com elas a cada conquista, a cada desabafo e a cada lágrima que lava também nossa alma.

Durante a semana, foi a vez de Caio Bonfim, o menino de Sobradinho, que venceu tantos desafios físicos, trazer a primeira medalha brasileira na marcha atlética. Com a prata no peito, Caio também falou sobre os preconceitos que sempre sofreu. Enquanto treinava e vencia seus limites pessoais, ouvia que “rebolava”.

Como escrevemos na nossa matéria, “doze anos, três tentativas frustradas, muito preconceito e xingamentos depois, a referência das pistas do Centro de Atletismo de Sobradinho (Caso) pode se orgulhar: é o primeiro medalhista olímpico do país na modalidade”.

Em entrevista à equipe de Esportes do **Correio**, liderada pelo extraordinário jornalista Marcos Paulo Lima, Caio nos emocionou: “Marchando naquelas ruas (Sobradinho), ganhei várias medalhas olímpicas sonhando. Não pensei nisso durante a prova, porque é preciso ser racional, é nos treinos. Isso estava no íntimo do meu coração. Queria ter a ousadia do Rio-2016, a experiência de Tóquio-2020 e o primeiro amor de Londres-2012. Conseguimos aqui”, disse.

Você conseguiu, Caio. E nós, brasileiros, brasileiros, poderíamos ter sido muito mais generosos com você e sua família obstinada pela marcha atlética durante a jornada e não apenas com a sua vitória.

Que todos esses atletas vibrem! E que jamais se sintam obrigados a trazer resultados em outras provas. Eles não devem nada a ninguém, nem mesmo a eles próprios, nem mesmo ao Brasil. O país é que deve a eles e a todos nós a compreensão real de que é preciso dar às nossas crianças, sobretudo as pretas e pobres, já tão vulneráveis, oportunidades reais no esporte. Acorda, Brasil!

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 899,88
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncio Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br